



QUARTEL DA GRAÇA — LADO DA PARADA

O corpo de edificio que ocupa o centro da gravura
é a torre oriental da cerca, vista do norte para o sul,
que ainda se conserva no interior do quartel
À direita está a entrada da poterna que foi talvez
uma porta primitiva da cerca

Foto Ed. Portugal.

da cerca fernandina, que dava saída do convento para a sua cerca ao norte, ou para os campos extramuros.

Por não ter nome, ou por se achar já incorporada na parte do edifício do Convento da Graça construída no meado do século XVI, não foi desenhada na vista *Olissippo* (1596) de Jorge Bráunio, e por este facto não é citada por Fr. Apolinário da Conceição (1750), nem por nenhum dos escritores que posteriormente trataram da cerca fernandina da cidade.

Troço da Cerca no Lado Oriental do Convento. — Na face sul da torre ia inserir-se um troço de muralha com 63^m de comprimento, correndo em direcção ao sul ou à igreja; mas uma parte, a começar da torre, foi desengrossada ou demolida, e substituída por um muro com menor espessura, que constitui hoje a parede oriental de um pátio intercalado no corredor da entrada do quartel; a parte conservada forma a divisória duns compartimentos ou arrecadações do andar térreo do quartel, e sobre ela levanta-se uma parede mestra do corpo principal do convento.

Troço de Muralha entre o Quartel e a Igreja da Graça. — Um pequeno troço de muro com 16^m de extensão sai perpendicularmente do anterior em direcção ao nascente, e o seu topo, cortado a prumo, aparentando ter 3^m,10 de espessura, nota-se nitidamente no paramento exterior da Igreja da Graça, ao lado do jardim que orna a frente do quartel.

Este pequeno troço da cerca, que está coroado superiormente, do lado do quartel, com uma fileira de ameias à altura de uns 8^m, separa o quartel, nesse sítio, da grande casa da sacristia da igreja, cuja parede mestra setentrional se ergue sobre ele ⁽²²⁾.

(22) Nestas investigações fomos amavelmente acompanhados e auxiliados pelo nosso camarada Major Aurélio da Cunha Ribeiro, comandante da Companhia de Adidos, a quem deixamos aqui o testemunho do nosso agradecimento.

Rua dos Cegos, na Graça. — Em 1386 havia uma rua denominada *corredoiro dos cegius* (cegos) *atrás do mosteiro de Santo Agostinho* ⁽²³⁾. Não existem documentos para se poder precisar a situação desta rua, naturalmente desaparecida ou mudada de nome, mas que não era certamente a actual Rua dos Cegos ao Pátio de D. Fradique.

Postigo de N. S.^a da Graça. — A cerca atravessava o estrangulamento que no Largo da Graça existe entre a parede oriental da igreja e o prédio n.º 63, de gaveto, forrado de azul-eijo, que lhe fica fronteiro a nascente, penetrando, como se reconhece muito bem, pelo espaço entre a porta n.º 63J e a primeira janela de peitos do prédio imediato, n.º 64.

Neste pequeno troço de muralha, entre a igreja e o prédio fronteiro, existiu uma porta da cidade que primeiro se chamou Porta de S.^{to} Agostinho ⁽²⁴⁾, e depois Postigo da Graça, ou de N. S.^a da Graça ⁽²⁵⁾.

Não há documentos que permitam conhecer a estrutura e dimensões do postigo, nem a sua situação exacta, pois que nem sequer se acha representado na Planta de Tinoco, que com certeza está aí incorrecta.

Em 1625 propôs-se maciçá-lo (o postigo, *veda-lo com muro de alvenaria*), mas em 1650 julgou-se que devia ficar em condições de servir ⁽²⁶⁾. Foi demolido pouco depois do ano 1700 ⁽²⁷⁾.

⁽²³⁾ *Mosteiro de Chellas*, n.º 1287, era 1424.

⁽²⁴⁾ *Chronica delRey D. Ioam I*, por Fernam Lopez, 1.^a parte, 1644, pág. 86.

⁽²⁵⁾ *Postago de nossa Snora da graca*, na vista *Olissippo* de Jorge Bráunio, 1596.

⁽²⁶⁾ *Elementos*, etc., tomo III, pág. 164. — *Idem*, tomo V, pág. 202.

⁽²⁷⁾ *Demonstração Historica* etc., por Fr. Apollinario da Conceição, 1750, pág. 208.



LARGO DA GRAÇA NO SÍTIO DO ESTRANGULAMENTO ENTRE OS SEUS TERREIROS
SUPERIOR E INFERIOR,
onde existiu a Porta ou Postigo de S.^{to} Agostinho ou de N. S.^a da Graça

O muro com ameias ao centro da gravura é o da cerca,
cortado a prumo onde se veem duas damas a par

Foto Ed. Portugal.

DO POSTIGO DA GRAÇA AO POSTIGO DO ARCEBISPO

MAPA XVII

Grande Ruína neste Lanço da Cerca Fernandina. — O lanço do muro desde S.^{ta} Maria da Graça até à Porta ou Postigo de S. Vicente ou do Arcebispo estava nos princípios do século XVI bastante arruinado, como já mencionámos.

Na vistoria citada que se fez aos muros e portas da cerca em 16 de Outubro de 1509 foi verificado o mau acabamento deste lanço de muro até S. Vicente, pelo que se mandou *meter em pregão o (seu) refazimento e corregimento*, o qual foi arrematado à razão de 650 reais a braça, que foi o menor preço oferecido, tendo sido ordenada a reparação pela carta régia de 30 de Julho do ano seguinte, devendo ficar a parede com dois palmos e meio de grossura ⁽²⁸⁾.

(28) *Corpo Chronologico*, maço 8, documento n.º 46, de 12 de Outubro de 1509. — *Idem*, maço 9, documento n.º 33, de 12 de Julho de 1510, ambos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. — *Livro III del Rei D. Manuel*, fl. 78, no Arquivo da Câmara Municipal, documento de 30 de Julho de 1510, extractado em *Elementos*, etc., tomo I, pág. 409. — Não conseguimos descobrir que espécie de unidade de medida de extensão ou de volume os peritos designaram por *braça*. Pelo que se deduz das medições dos troços de muros a corrigir não podia ser a braça = 2^m,2; pois que resultaria para a totalidade dos troços a reparar a extensão de 1.812 braças = 3.986^m, que é cerca de 4 vezes igual à que vai, ao longo da cerca, desde a Porta de S.^{to} André até ao Postigo de S. Vicente, a que se refere a vistoria e empreitada.

Do Postigo da Graça à Rua da Voz do Operário. — De-
frente do Convento da Graça há um planalto que constitue o
taboleiro ou terreiro superior do Largo da Graça, actualmente
arborizado. Este planalto era atravessado, na direcção poente-
nascente, por um troço rectilíneo da cerca fernandina com
cerca de 75^m de comprimento.

Torres do Troço da Cerca no Largo da Graça. — Neste
troço estavam pegadas 4 torres ou cubelos, como mostra a
Planta de Tinoco, todos completamente desaparecidos, assim
como as quadrelas que os ligavam.

A 1.^a torre ficava ao lado do postigo. O 2.^o e 3.^o cubelos
eram de pequenas dimensões, 5^m × 4^m de secção horizontal,
aproximadamente, como mostra a planta da cidade levantada
em 1856, época em que ainda existia parte destas obras.

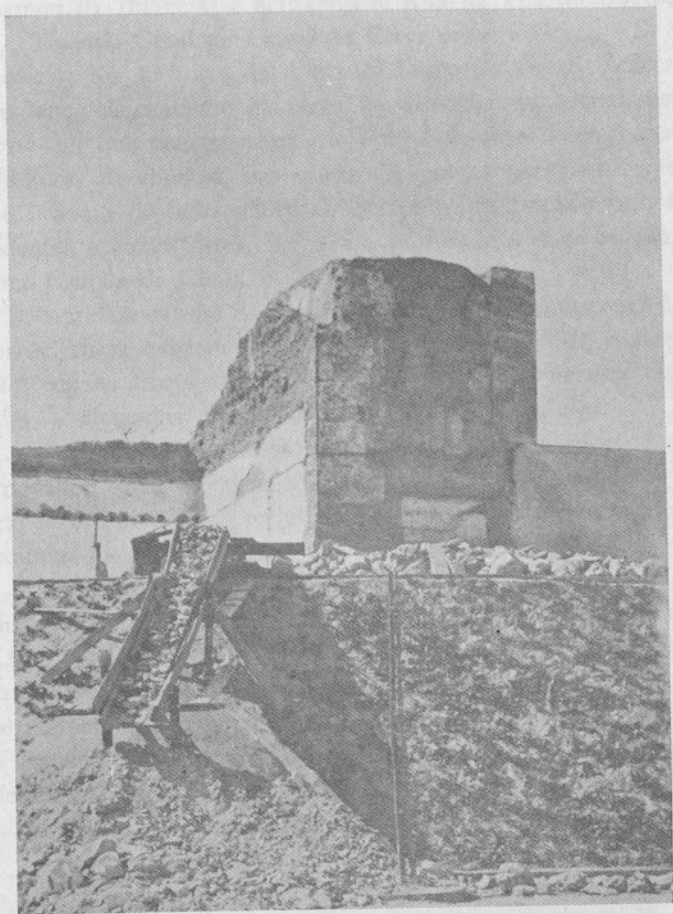
Conservamos reminiscências de tê-los visto demolir em
1893, especialmente os mais próximos da Igreja da Graça.
Da 4.^a torre tratamos adiante.

Cemitério Extramuros no Largo da Graça. — Informa An-
tónio Joaquim Moreira que neste sítio, fronteiro à muralha,
existiu durante séculos um cemitério, que acabou em 1833,
e no seu lugar construiu-se em 1864 um insignificante cha-
fariz de duas bicas ⁽²⁹⁾, também desaparecido.

**Prédios do Terreiro Superior Arborizado do Largo da
Graça.** — A nascente do prédio forrado de azulejo, n.^o 63 do
Largo da Graça, que foi construído por 1893, fica outro mais
antigo, que esquina para a Rua da Voz do Operário, no qual
está a sede da Escola-Oficina n.^o 1.

As fachadas destes dois edifícios ficaram avançadas entre
5^m,5 (ao poente) e 3^m,5 (ao nascente), relativamente ao para-
mento da muralha da cerca nesse sítio.

(29) *Collecção de Epitaphios, Inscriptções e Letreiros, em 9 vol.ºs*,
Lisboa, 1864, vol. 5.^o, fl. 982 v.; Ms. da Biblioteca da Academia das
Ciências de Lisboa.



3.º CUBELO DENTRO DA CERCA
DO EX-CONVENTO DE S. VICENTE-DE-FORA
visto do nascente para o poente

Estava sendo posto a descoberto e reparado em Fevereiro de 1949

Foto Ed. Portugal.

Nos fins do 3.º quartel do século XIX rasgou-se a quadrela entre a 3.ª e a 4.ª torres, para a abertura da Rua que se chamou da Infância, e actualmente Rua da Voz do Operário.

Traçado Geral do Lanço da Cerca entre a Graça e S. Vicente. — Na 4.ª torre do muro do Largo da Graça começava um lanço descendente da cerca na direcção aproximadamente norte-sul, que penetrava na cerca do Convento de S. Vicente-de-Fora, dividindo-a das quintas e outras propriedades que lhe ficavam do lado ocidental, seguindo um traçado com três redentes e cinco torres, até à via pública que hoje se chama Arco Grande de Cima.

Grande extensão da muralha deste lanço, assim como duas torres, ainda existem em melhor ou pior estado de conservação; alguns troços de muros foram reduzidos, na sua espessura, a divisórias, e noutros pontos foram demolidos.

Os troços conservados acham-se todos no interior de propriedades, e não podem ver-se da rua, sendo necessário entrar-se nos prédios ou recintos onde eles existem, para se poder examiná-los.

Identificação dos Muros da Cerca neste Trajecto. — Efectuámos a redução à escala 1:1.000 da *Planta da Cidade de Lx.ª*, por João Nunes Tinoco (1650), e sobrepondo-a e ajeitando-a sobre a da cidade levantada em 1856, vimos que elas se podiam fazer coincidir nesta região; e percorrendo no local o traçado da cerca nelas marcado conseguimos identificar e desenhar no nosso Mapa XVII, com exactidão, a muralha e as torres de todo o mencionado lanço, como passamos a descrever.

Quartel dos Bombeiros no Largo da Graça. — No extremo norte da cerca que foi do Convento de S. Vicente, esquinando do Largo da Graça para as Ruas da Verónica e da Voz do Operária, existe um vasto recinto dentro do qual se acha o edifício sede da 4.ª Companhia do Batalhão do Corpo de Bombeiros Municipais, e suas dependências.

4.ª Torre da Muralha no Largo da Graça. — Uma grande torre ou atalaia que existiu no vértice do saliente nordeste que

a cerca aí formava, no chão do edifício dos bombeiros, foi demolida, assim como o primeiro troço descendente da muralha que nela se inseria, o qual foi substituído por um muro que separa o recinto do quartel, da Rua da Voz do Operário.

Troços e Cubelos da Cerca no Recinto do Quartel dos Bombeiros. — No troço seguinte para o sul, que formava uma larga curva convexa para o exterior da cidade, havia dois cubelos, hoje demolidos, que estão desenhados na Planta de Tinoco.

O 1.º cubelo desapareceu antes de 1856, pois não está representado na Planta de Lisboa levantada nesse ano. Devia ficar contíguo ao muro ocidental do quartel, no sítio onde há actualmente umas oficinas e outras dependências do mesmo.

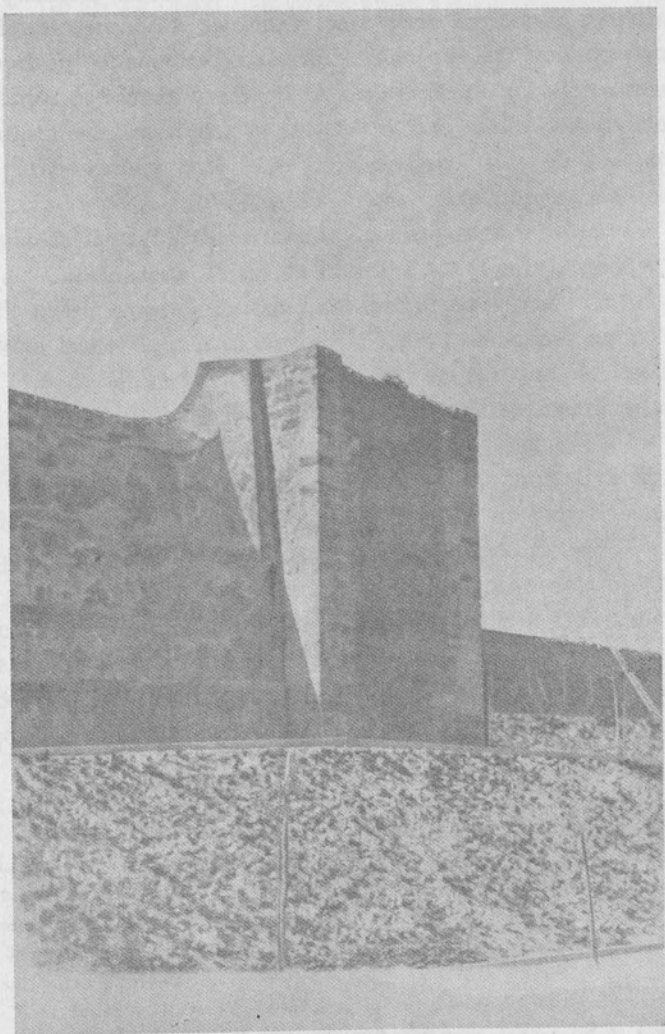
O 2.º cubelo ainda existia em 1856, e na Planta da Cidade desse ano mostrava ter de secção 5^m de frente por 4^m,2 de fundo, incluindo a espessura do muro; ficava situado junto ao topo sul do actual edifício da lavandaria do quartel, adjacente também ao muro ocidental deste.

O troço de muro a que estas duas torres estavam pegadas serve hoje de divisória entre o recinto do quartel e vários jardins e casas da Rua da Voz do Operário; e a pequena distância para o sul da última torre mencionada termina ele abruptamente, por ter sido demolido até à torre seguinte, de que vamos tratar.

3.º Cubelo deste Troço de Muralha. — Este cubelo, regularmente conservado, mede em planta 4^m,4 × 5^m (frente), e 8^m,3 de altura.

Parece ter servido de mirante da cerca do convento, pois ainda conserva vestígios duma escada de caracol adjacente à sua face oriental, ou da banda de fora da cidade.

Actualmente, do lado ocidental, tem encostado um tanque do serviço do quartel de bombeiros; e do lado sul uma pequena casa de habitação.



4.^a TORRE DO LANÇO DA CERCA FERNANDINA
ENTRE O LARGO DA GRAÇA E O ARCO DE CIMA

É a torre melhor conservada deste lanço, bem que incompleta
Fica defronte do edificio novo do Liceu Gil Vicente

Foto Ed. Portugal.

Quadrela entre o 3.º e o 4.º Cubelos. — Entre o último cubelo mencionado e o seguinte para o sul formava a muralha um recinto rectangular, mas sem o lado que era voltado para o exterior da cidade medieval. A disposição do recinto, o mau acabamento e a pequena espessura do lado maior conservado, que parece reconstrução, dão ideia de haver sido ele feito ou incorporado pelos frades na sua cerca, pois que a quadrela original devia seguir directamente de torre para torre.

4.º Cubelo deste Troço da Muralha. — O cubelo onde vai inserir-se este troço de muralha é o melhor conservado de todos os deste lanço da cerca; mede 5^m,5 × 5^m,8 na secção horizontal, 7^m,8 de altura, e tem actualmente a cobertura de lajedo com a forma de pirâmide quadrangular extremamente achatada ⁽³⁰⁾.

Quadrelas ao Sul desta 4.ª Torre. — Continua a cerca o seu trajecto para o sul, por um troço com 45^m de comprimento, terminando no fim dele a parte conservada do lanço.

A Planta de Tinoco mostra a seguir um pequeno troço na direcção oeste-leste, do qual ainda se divisam (1948) restos no terreno, e vestígios do seu traçado na Planta de Lisboa de 1856. Destes elementos nos aproveitámos para o desenhar no nosso Mapa XVII.

⁽³⁰⁾ Neste ano 1948 sugerimos ao nosso colega director das obras do Liceu Gil Vicente, então em construção nos terrenos da cerca do Convento de S. Vicente, que nesta torre fosse colocada, como memória e como estímulo de fé patriótica dos alunos que virão a frequentar este liceu, a colocação nesta torre duma lápide com a seguinte inscrição ou outra equivalente:

Este lanço e torres da muralha fazem parte da cerca defensiva que o Rei D. Fernando mandou construir nos anos 1373 a 1375, e que eficazmente protegeu os lisboetas contra o exército do Rei de Castela em 1384, salvando a cidade e porventura a independência de Portugal. Para memória o Ministério das Obras Públicas mandou afixar esta lápide em ...

5.º Cubelo deste Troço da Muralha. — No fim deste último desaparecido troço existiu, no vértice do saliente da cerca, uma torre de que não restam vestígios, mas cuja situação nos é fornecida pelas duas mencionadas plantas; a sua secção era quadrada ou romboidal, com 6^m de lado, como se vê na Planta de Lisboa de 1856.

A muralha desapareceu até ao Arco de S. Vicente, e o seu traçado foi obtido pelas indicações colhidas nas citadas plantas.

Postigos Abertos no Muro da Cidade nos fins (?) do século xvi. — Em 1625, quando não estavam ainda concluídas as obras de reconstrução do Convento de S. Vicente-de-Fora, como veremos adiante, propôs-se tapar o *postigo q̃ he o ceruiço da cidade*, e bem assim um outro que também havia no muro. Na vistoria realizada em 1650 propôs-se tapar os *dois postigos que se abriram em S. Vicente, um que entra no campo de S.^{ta} Clara e o outro que está dentro no telheiro, onde trabalham os officiaes* ⁽³¹⁾.

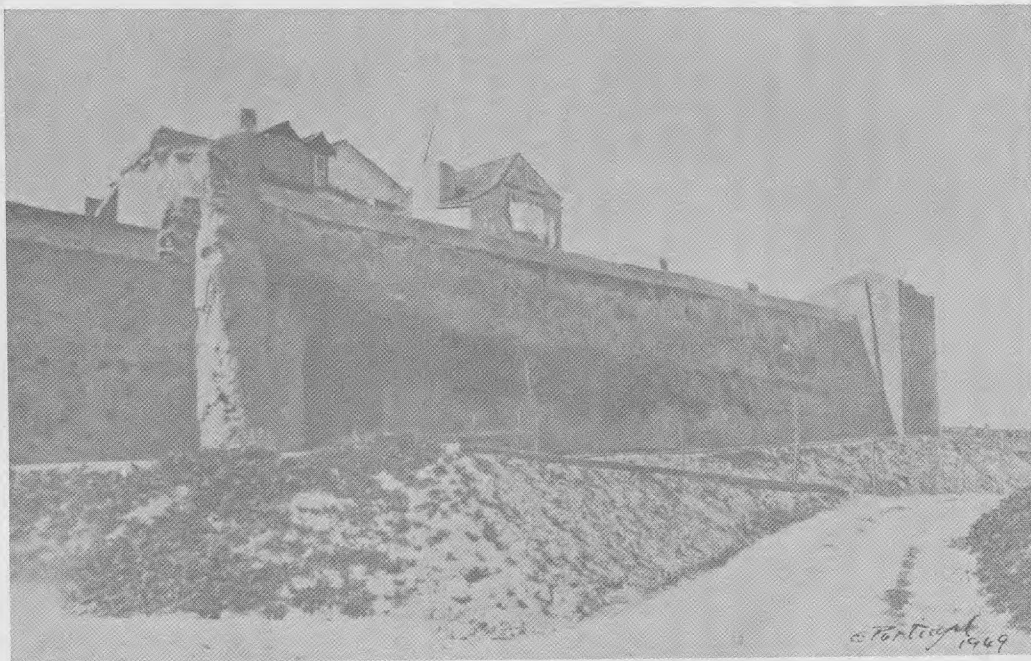
Postigo de S. Vicente. — O primeiro dos postigos mencionados nos dois diplomas era a porta da cidade chamada Postigo de S. Vicente, que existiu perto do actual Arco Grande de Cima, sito na via pública que comunica o adro da Igreja de S. Vicente com o Campo de S.^{ta} Clara, a qual tem actualmente também aquele mesmo nome, Arco Grande de Cima.

Na vista *Olissippo* (1596) do *Theatrum Urbium*, de Jorge Bráunio, está o postigo designado com a rubrica: *Porta q̃ dicitur portigo de san Vicente*, mas Frei Apolinário da Conceição classifica-o de *Porta* ⁽³²⁾.

O segundo postigo mencionado nos documentos era a serventia provisória aberta no muro da cerca fernandina para serviço das obras, no Telheiro de S. Vicente, a que acima nos referimos.

⁽³¹⁾ *Elementos*, etc., tomo III, pág. 171. — *Idem*, tomo V, pág. 201.

⁽³²⁾ *Demonstração Historica*, 1750, pág. 207.



UMA QUADRELA DO LANÇO DA CERCA ENTRE O LARGO DA GRAÇA E O ARCO DE CIMA

Vê-se, à direita, a 4.^a torre deste lanço de muralha, que fica fronteira
ao novo edifício do Liceu Gil Vicente

Foto Ed. Portugal.

Conjugando os dizeres destes documentos infere-se que o Postigo de S. Vicente, naturalmente uma simples abertura na muralha, com seus batentes de madeira, devia ter sido rasgado no muro da cerca nos fins do século XVI, ou princípios do XVII, talvez também por motivo das obras de reconstrução da casa monástica a que por essa ocasião se estava procedendo.

Pelo caminho de ronda ou andaímo que corria por cima do postigo fazia-se a comunicação do mosteiro com a sua horta ao norte.

Informa um escritor setecentista que a muralha da Porta de S. Vicente, no ano 1748, se *demolio, ou encorporou em hum magnifica casa, que se diz da cera, do proprio Mosteiro* ⁽³³⁾. Não conseguimos descobrir nem nos souberam explicar a significação deste texto; trata-se talvez de alguma casa que tenha sido então construída na cerca do convento, perto do Telheiro.

Rua da Voz do Operário. — A ligação do Largo de S. Vicente com o arrabalde do norte fazia-se antigamente por uma viela ou azenhaga chamada Travessa das Bruxas ⁽³⁴⁾, que começava no lado norte do Largo de S. Vicente, e, depois de formar um cotovelo, voltando para o poente e costeando a cerca do Convento das Mónicas, ia terminar no canto sueste do taboleiro inferior do Largo da Graça, actualmente ajardinado.

Em 1864 já se chamava Travessa de S. Vicente ⁽³⁵⁾.

Em 1875, ou pouco antes, rasgou-se a sua continuação através da quinta que foi dos Abelhos, desde o cotovelo da rua até ao terreiro superior do Largo da Graça, hoje arborizado.

⁽³³⁾ *Demonstração Historica*, etc., por Fr. Apollinario da Conceição, 1750, pág. 208.

⁽³⁴⁾ *Corografia Portuguesa*, pelo P.^o A. Carvalho da Costa, tomo III, 1712, pág. 365.

⁽³⁵⁾ *Roteiro das Ruas de Lisboa*, por E. O. P. Queiroz Vellozo, 1.^a ed., 1864, pág. 109.

Nesse prolongamento da travessa, esquinando para o Largo da Graça, e do lado oposto ao Quartel dos Bombeiros, começou-se a construir em 1876 o Asilo denominado de S. Vicente, hoje Escola-Oficina n.º 1, para a infância desvalida, que foi inaugurado em 31 de Julho de 1877 ⁽³⁶⁾.

Pelo edital de 30 de Novembro de 1888, a rua, alargada e prolongada até ao Largo da Graça arborizado, deixou de ser Travessa de S. Vicente, e passou a denominar-se Rua da Infância; e a anterior denominação da Travessa conservou-se apenas na parte da antiga via pública, desde o desaparecido cotovelo, que é o sítio onde a travessa entronca hoje no ponto de junção das partes antiga e nova da rua, até ao Largo da Graça ajardinado.

Em 1915 foi o nome da rua novamente mudado, para Rua da Voz do Operário ⁽³⁷⁾, por motivo de nela se ter erigido, dentro da cerca do Mosteiro das Mónicas e em parte da antiga Travessa das Bruxas, o edifício duma associação de beneficência, instrução e recreio que tem aquele nome.

Cerca Fernandina Servindo de Divisória de Propriedades. Lado de dentro da Cerca. — O lanço da cerca de D. Fernando desde o Largo da Graça até à Igreja de S. Vicente-de-Fora dividia a Cerca do Convento de S. Vicente, que estava a nascente, das propriedades de particulares, que ficavam a poente.

Também separava a cerca do convento, do terreiro ou pátio rodeado de casas, intramuros, denominado ainda hoje Telheiro de S. Vicente.

Depois da abertura da Rua da Voz do Operário, que passou logo a povoar-se de prédios de um e outro lado, ficou a cerca de D. Fernando servindo de limite e de muro divisório das casas, quintais e jardins dos prédios que se construíram do lado oriental da referida nova rua, dos terrenos que foram a cerca do Convento de S. Vicente.

⁽³⁶⁾ *Roteiro*, etc., por Queiroz Vellozo, 6.ª ed., 1888, pág. 122.

⁽³⁷⁾ Deliberação da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, de 11 de Fevereiro.

Quinta e Solar dos Abelhos. — Da banda de dentro da cerca fernandina, antes do rasgamento da Rua da Voz do Operário, existia, desde o Largo da Graça até à actual Travessa de S. Vicente, pelo menos, uma vasta propriedade, Quinta dos Abelhos ou da Abelha (à Travessa das Bruxas) ⁽³⁸⁾, que na segunda metade do século XVII pertencia a António Luís Ribeiro de Barros, da Casa dos Abelhos, pessoa que deixou incidentalmente ligado o nome aos acontecimentos da Restauração de Portugal em 1640, e cujo solar, nobre e sumptuoso, era situado onde está o prédio moderno n.º 72 do Largo da Graça (terreiro ajardinado) ⁽³⁹⁾.

Depois da abertura da mencionada rua, em seguida ao Quartel dos Bombeiros, que ficava extramuros da cidade, foi construído, na parte mais alta da Quinta, intramuros e nas costas do quartel, um grande prédio (n.ºs 58 a 66 da Rua da Voz do Operário), onde no 1.º andar está a Caixa Económica Operária, Cooperativa de Crédito e Consumo, e no 2.º a Estação Emissora Rádio Peninsular.

Telheiro de S. Vicente. — O Telheiro de S. Vicente, intramuros e em nível superior ao do Largo e Convento de S. Vicente, é assim chamado desde o século XVII, pelo menos, por terem sido aí as oficinas da obra da reconstrução da Igreja e do Convento.

No muro da cerca da cidade abriu-se então um postigo para serviço das obras, que nas já várias vezes mencionadas

⁽³⁸⁾ *Regulamento para o Estabelecimento da Pequena Posta*, Lisboa, 1801, pág. 96. — *Mappa de Portugal*, por J. Batista de Castro, tomo III, 1763, pág. 445.

⁽³⁹⁾ Sobre esta quinta e a rua em que estava situada pode consultar-se o artigo do sr. Pastor de Macedo: *S. Vicente (Travessa de)*, em *Lisboa de Lés-a-lés*, vol. V, págs. 6 e segs. — Veja-se também *Lisboa Antiga, Bairros Orientais*, por J. de Castilho, vol. VII, 2.ª ed., livro II, cap.º II. O palácio dos Abelhos está aí erradamente localizado, pág. 189, e penitenceamo-nos de haver induzido em erro o nosso amigo L. Pastor de Macedo (*Lisboa de Lés-a-lés*, vol. V, pág. 26).

vistorias da primeira metade do século XVII se propôs que fosse entaipado, como vimos.

O acesso a este terreiro faz-se por uma rampa que começa no canto nordeste do Largo de S. Vicente ⁽⁴⁰⁾.

Muro de Suporte no Lado Norte do Largo de S. Vicente.

— O terreiro a poente do sítio do Telheiro de S. Vicente era muito declivoso, o que o tornava lamacento e incómodo nos invernos, e por isso, e para sustentar as terras, mandou a Câmara construir, em 1606, o grosso muro de suporte que serve de envasamento ao grande prédio que esquina do referido Largo para a actual Rua da Voz do Operário ⁽⁴¹⁾.

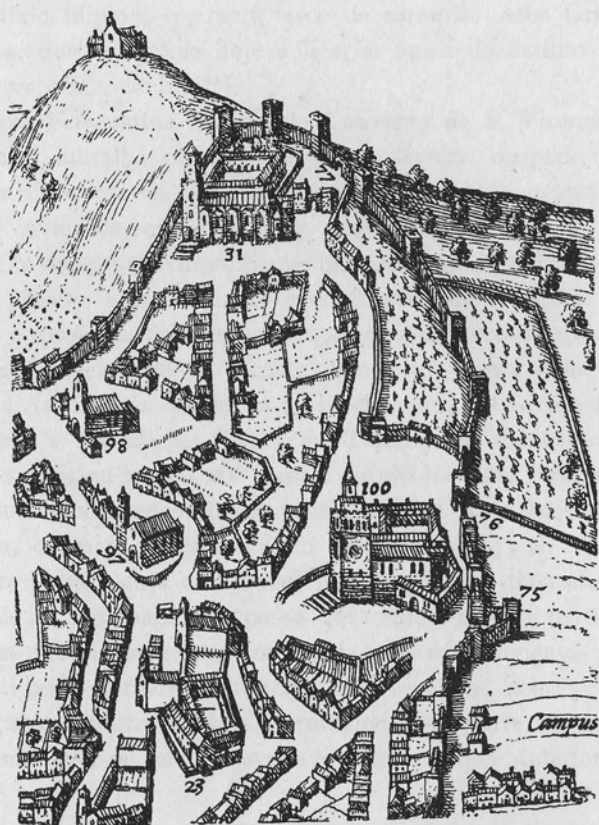
Prédios e Outras Construções do Lado de Fora da Cerca Fernandina em Épocas Recentes. — Da banda de fora da muralha, além dos prédios edificadas na periferia da cerca do convento ao longo da Rua da Verónica e do Campo de S.^{ta} Clara, com cujas trazeiras ela confina, construiu-se o já mencionado quartel, com uma casa para exercícios dos bombeiros municipais (1890-91) ⁽⁴²⁾, o Reservatório da Verónica, da Companhia das Águas de Lisboa (1868); e acham-se actualmente em construção (desde Outubro de 1946) os edifícios para o Liceu Gil Vicente, que tem estado a funcionar provisoriamente nos Paços de S. Vicente.

Arco Grande de Cima. — Um pouco ao nascente do sítio onde na via pública existiu o Postigo de S. Vicente da cerca fernandina, construiu-se, em data que se desconhece, mas pro-

⁽⁴⁰⁾ *Itinerario Lisbonense*, por I. P. de Moraes, 1.^a ed., 1804, pág. 129. — *Roteiro das Ruas de Lisboa*, por Eduardo O. P. Queiroz Velozo, 1.^a ed., 1864, pág. 16.

⁽⁴¹⁾ Sobre este prédio, que pertence hoje aos herdeiros do escritor Dr. Alfredo da Cunha, e sobre a muralha que forma o lado norte da rua, pode ver-se um artigo do P.^o Ernesto Sales, intitulado *A Propósito de Duas Lápides*, publicado em *Revista de Arqueologia*, tomo I, 1932, pág. 141.

⁽⁴²⁾ *Peregrinações em Lisboa*, por Norberto de Araújo, livro VIII, pág. 51.



FRAGMENTO DA VISTA PANORÂMICA OLISSIPPO,
de Jorge Bráunio,
onde se vê a muralha da cerca fernandina em perspectiva
deformada, contornando o Convento da Graça e encerrando
o Mosteiro de S. Vicente

- 31 — Igreja e Convento de N. S.ª da Graça,
- 77 — Postigo de N. S.ª da Graça,
- 100 — Igreja e Mosteiro de S. Vicente de Fora,
- 76 — Porta de S. Vicente,
- 75 — Postigo de S. Vicente ou do Arcebispo.

Foto Ed. Portugal.

THE UNITED STATES OF AMERICA
DO hereby certify that

the within and foregoing is a true and correct copy of the original as the same appears in the records of the

State of New York, at the City of New York, this

day of

19

at the City of New York, this

day of

19

at the City of New York, this

day of

19

at the City of New York, this

day of

19

at the City of New York, this

day of

19

at the City of New York, this

day of

19

vàvelmente quando se fez a remodelação do convento na época do domínio filipino, o grande arco de cantaria, Arco Grande de Cima, que estabelece hoje a ligação única do extinto convento com a sua cerca ⁽⁴³⁾.

Cerca Fernandina através do Convento de S. Vicente. —

Entrava a muralha da cerca nova no terreno ocupado pela Igreja e Convento de S. Vicente-de-fora, seguindo depois um traçado enviezado, como se vê no nosso Mapa XVII.

Além de estar a muralha assim desenhada na Planta de Tinoco (1650), a sua situação é confirmada pelo traçado que mostra o projecto do mesmo architecto, de reconstrução da Igreja e Convento de S. Vicente, que ainda existe e se conserva no Arquivo da Academia de Belas Artes, em Lisboa ⁽⁴⁴⁾.

Torre e Escada da Cerca no Terreno do Convento. —

A pouco mais ou menos 20^m para o sul do local do Postigo de S. Vicente havia, encostada à muralha, uma torre hoje desaparecida, como já devia estar em 1650 quando J. N. Tinoco levantou a sua planta de Lisboa. Este architecto, todavia, desenhou-a no seu mapa, ao passo que omitiu toda a parte do convento que já devia estar construída, que se prolongava para fora da cerca fernandina, factos que revelam, com verosimilhança, ou pouco escrúpulo profissional da parte do architecto, ou haver-se este aproveitado duma planta anterior da cidade.

No local da torre mostra a planta do projecto da reconstrução do Mosteiro uma escada, da banda de fora da cerca, que desenhámos no nosso Mapa XVII em conformidade com a re-

⁽⁴³⁾ *Demonstração Historica*, 1750, pág. 208. Não é portanto exacto o que diz A. Joaquim Moreira, que dá o ano 1806 como o da sua construção.

⁽⁴⁴⁾ Esta preciosa planta acha-se hoje divulgada pela reprodução que dela fizemos, tendo sobreposta a planta das actuais igreja e convento, para acompanhar o vol. VII da 2.^a edição da *Lisboa Antiga, Bairros Orientais*, pelo Visconde de Castilho.

ferida planta, mas que não podia ser a de acesso ao eirado da torre, pois que neste caso devia ficar necessariamente do lado interior da cidade.

Igreja e Convento de S. Vicente-de-Fora. — A primitiva igreja e o Convento de S. Vicente, de Cónegos Regrantes de S.^{to} Agostinho, foram fundados, segundo é tradição, pelo Rei D. Afonso Henriques, em seguido à tomada de Lisboa aos mouros em 1147.

A cerca de D. Fernando inclui-os na cidade, e o convento ficou topejando com a muralha então construída.

Duraram estes edifícios, tendo sofrido vários restauros e alterações, até ao tempo do Rei D. Filipe I de Portugal, que os reconstruiu completamente, alongando-os ao nascente para além da cerca de D. Fernando, que para esse fim foi aí demolida na extensão duns 75^m.

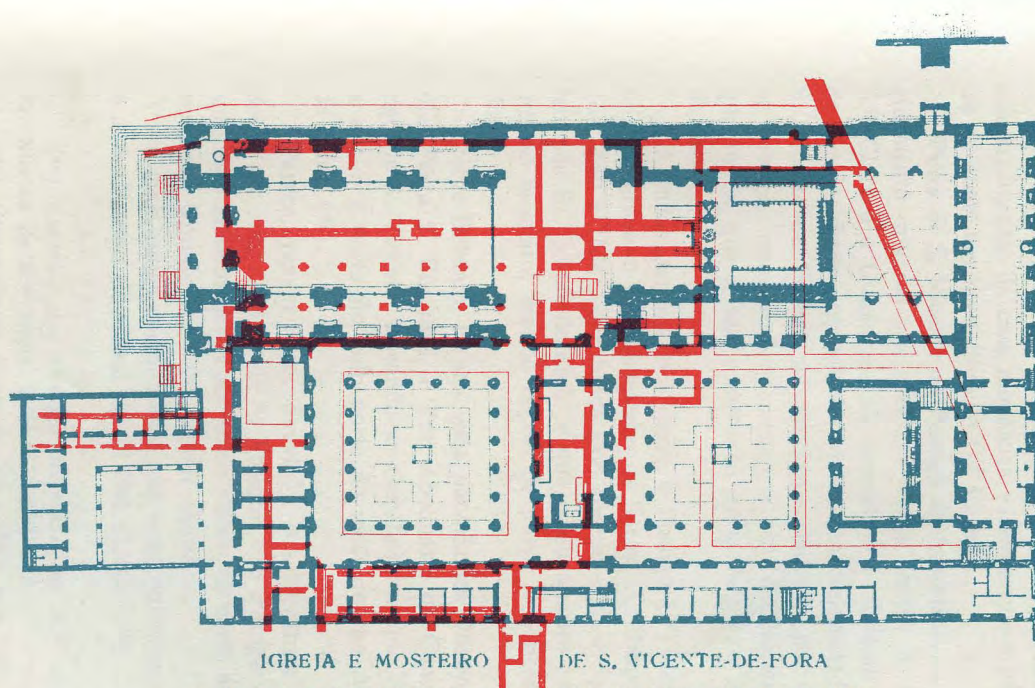
Começaram as obras com o lançamento da primeira pedra em 1582, mas só a partir de 1590 é que tomaram incremento⁽⁴⁵⁾.

Pátio de S. Vicente. — Nas trazeiras do convento está o Pátio de S. Vicente, constituído por dois terreiros, a nascente e a sul do edifício, que se comunicam por uma passagem estrangulada junto do cunhal sul.

A cerca fernandina saía deste pátio em direcção ao sul, no sítio do estrangulamento mencionado, e atravessava a via pública noutra garganta ou estrangulamento formado entre um dos braços em que o Campo de S.^{ta} Clara se ramifica e o Largo do Outeirinho da Amendoeira.

Aplicações dos Edifícios Posteriormente a 1834. — Extintas as Ordens Religiosas em 1834, foram transferidas para a igreja, que era também sede da Freguesia de S. Vicente, mais duas outras freguesias, de S. Tomé e do Salvador.

(45) A história e descrição da Igreja e Convento de S. Vicente acham-se consubstanciadas no vol. VII da *Lisboa Antiga*, por J. de Castilho, 2.^a ed., *Bairros Orientais*, livro I.



IGREJA E MOSTEIRO DE S. VICENTE-DE-FORA

A planta a encarnado é a da construção de D. Afonso Henriques (1147)

A planta a azul é a reconstrução de D. Filipe I de Portugal (fins do século XVI)

Note-se na 1ª planta o vestígio do traçado da cerca fernandina

*Desenho de João Nunes Tinoco que se guarda no Arquivo
da Academia de Belas Artes.*

No edifício do Convento instalaram-se o Patriarcado, escolas de ensino religioso e o Panteão da família real.

Depois da revolução republicana de 1910 instalaram-se nos compartimentos da casa monástica vários serviços públicos, entre os quais um liceu titulado Gil Vicente.

Porta de S. Vicente ou Postigo do Arcebispo. — No estrangulamento que a via pública forma, entre o Campo de S.^{ta} Clara e o Outeirinho da Amendoeira, abria-se uma porta da cidade, desde o meado do século XVI denominada Porta de S. Vicente ou Postigo do Arcebispo, ladeada por duas torres ou cubelos, uma ao norte e outra ao sul, disposição fortificada que revela que a sua construção devia remontar à época da da cerca.

O titular purpurado a quem o Postigo ⁽⁴⁶⁾ devia o nome foi D. Fernando de Vasconcelos de Sousa, Arcebispo de Lisboa (de 1540 a 1564), que havia sido cónego e prior do Real Mosteiro de S. Vicente-de-Fora, e que viveu sempre com os cónegos no mosteiro, mesmo depois de haver sido nomeado Arcebispo.

Jorge Bráunio, na sua vista panorâmica *Olissippo*, chama-lhe *Porta S. Vincentij*, e Frei Apolinário da Conceição, Postigo de S. Vicente, trocando as classificações que Bráunio deu a esta e à porta do lado norte do mosteiro, no Arco Grande de Cima ⁽⁴⁷⁾.

Parece, porém, que, devido à sua estrutura fortificada, devia ser esta a *Porta* de S. Vicente, e o *Postigo* o vão mais simples e mais moderno aberto no muro, ao norte do convento, no Arco Grande de Cima, como dissemos.

A mais antiga denominação que se encontra em documentos é a de Postigo do Coval de El-Rei (1539) ⁽⁴⁸⁾.

⁽⁴⁶⁾ *Chronica dos Cónegos Regrantes de S.^{to} Agostinho*, por Fr. Nicolau de S.^{ta} Maria, livro XI, pág. 462.

⁽⁴⁷⁾ *Demonstração Historica*, etc., 1750, pág. 208.

⁽⁴⁸⁾ *Lisboa de Lés-a-lés*, por L. Pastor de Macedo, vol. III, págs. 3 e 4.

Esse nome provinha-lhe do local, que era o sítio hoje ocupado por uma parte do Campo de S.^{ta} Clara, junto do estabelecimento do Estado conhecido por Fundição de Cima, onde estavam os celeiros da Coroa no tempo de D. Dinis: *olival e campo sobrela Cruz, cabo do Mæsteyro de sam vicente, de fora, em o qual mandey faser couas* (covas, silós) *pera teer o meu pan* (1286) ⁽⁴⁹⁾.

A porta, depois de transformada em arco, chamavam também Arco Debaixo, ou Arco Pequeno ⁽⁵⁰⁾ de S. Vicente.

Informa António Joaquim Moreira que no seu tempo (1864) *o arco pequeno ou postigo do arcebispo é de forma tortuosa e mui forte* ⁽⁵¹⁾.

Na vistoria aos muros da cidade realizada em 1625 propôs-se tapar o postigo; e na que se fez em 1650 reconheceu-se que, tendo portas com fechaduras e ferrolhos, se achava em condições suficientes de defesa ⁽⁵²⁾.

Parece que o arco e as torres que o ladeavam foram demolidas poucos anos antes de 1864.

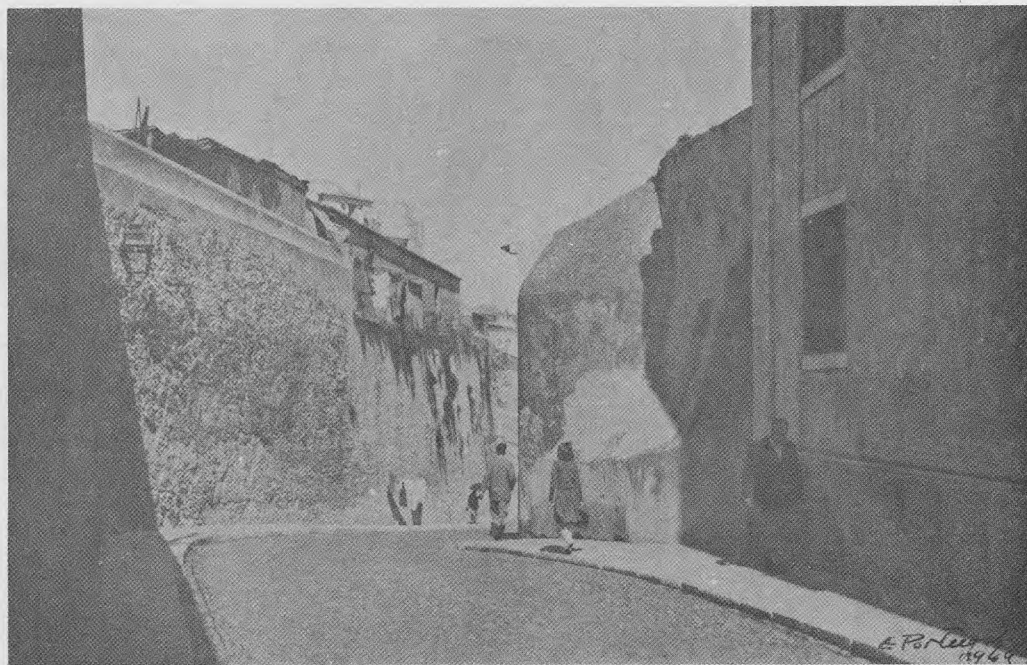
Torres da Porta de S. Vicente. — No sítio do postigo, contígua ao muro do Pátio de S. Vicente, diz-nos A. J. Moreira que ainda em 1864 havia *no patio uma bem conservada torre* (era a do norte), que se comunicava por cima do Postigo do

⁽⁴⁹⁾ *Chancellaria de D. Dinis*, livro I, fl. 171 v., documento da era 1324. — *Junto com o mosteiro de S. Vicente de fora, aos covais delRei* (Dourados de Alcobaça, livro I, fl. 130 v., ano 1495). — Era naturalmente o celeiro a que se refere C. R. de Oliveira, 1551 (*Summario*, etc., ed. de 1755, pág. 30).

⁽⁵⁰⁾ *Itinerario Lisbonense*, por I. P. de Moraes, 1.^a ed., 1804, pág. 129. — *Roteiro das Ruas de Lisboa*, por Eduardo O. P. Q. Vellozo, 1.^a ed., 1864, pág. 17, etc.

⁽⁵¹⁾ *Collecção de Epitaphios, Inscripções e lettreiros*, em 9 vol.^{es}, 1864, vol. 5.^o, fl. 982.

⁽⁵²⁾ *Elementos*, etc., tomo III, pág. 171. — *Idem*, tomo V, pág. 201.



LOCAL DO POSTIGO DO ARCEBISPO OU ARCO PEQUENO DE S. VICENTE
no Largo do Outeirinho da Amêndoeira, visto do poente para o nascente

Ao lado da rapariga com meias brancas veem-se os restos informes
da torre sul que ladeava o postigo

Foto Ed. Portugal.

Arcebispo com a torre que lhe ficava ao sul, e que servia de mirante aos cônegos de S.^{to} Agostinho (⁵³). Já desapareceram ambas.

Da torre do lado sul do Postigo do Arcebispo apenas resta um maciço informe de alvenaria, que com dificuldade se pode conceber haver sido uma torre.

A Planta de Tinoco representa-a de maneira mui pouco explícita, e a de Lisboa levantada em 1856 marca-lhe 6^m x 6^m como dimensões da sua secção horizontal.

Inscrição no Muro da Porta de S. Vicente. — Na parede por cima do Arco esteve embutida uma lápide com uma inscrição funerária, já muitas vezes publicada. Depois de demolida a porta foi a lápide embebida no muro do pátio do convento, próximo do local onde havia estado, e daí levada em 1922 para o Museu do Dr. José Leite de Vasconcelos, em Belém (⁵⁴).

(⁵³) *Colecção de Epitaphios, Inscriptões e lettreiros, em 9 vol.*^{es}, Lisboa, 1864, vol. 5.^o, pág. 982.

(⁵⁴) V. *Epigrafia de Olisipo*, pelo autor, pág. 195.

DO POSTIGO DO ARCEBISPO AO POSTIGO DA LAPA

MAPA XVIII

Traçado Geral da Muralha entre o Postigo do Arcebispo e as Portas da Cruz. — Entre estas duas portas da cidade apresentava a cerca dois troços rectilíneos, que consideraremos terem a direcção poente-nascente, formando, a meio do seu comprimento, um redente, junto do qual havia uma conjectural porta da cidade, onde é hoje a entrada para a Direcção da Arma de Artilharia.

A muralha está ainda quase completamente conservada e à vista na maior parte da sua extensão, e forma, pelo meio dos quarteirões dos prédios que atravessa, o muro divisório das propriedades situadas intra e extramuros.

A porta do meio do lanço fica situada no topo da ramificação do Campo de S.^{ta} Clara, fronteira e em direcção à igreja inacabada conhecida vulgarmente por Obras de S.^{ta} Engrácia.

Fundição de Cima. — Nos terrenos da banda de dentro da cidade, para o nascente dessa porta, acham-se instalados diversos serviços do Estado. No tempo do domínio filipino as instalações fabris que aí funcionavam eram designadas por Fundição da Coroa de Portugal ⁽⁵⁵⁾, e depois passaram a ser a Fundição da Artilharia, ou Fundição de Cima.



PORTAL DA ENTRADA DOS EDIFÍCIOS DA DIRECÇÃO DA ARMA DE ARTILHARIA

no topo de um dos troços em que se ramifica o Campo de S.^{ta} Clara.
O adarve do muro da cerca corre por cima do muro do portal, e continua por traz do prédio da direita,
com 4 janelas, que pertence ao Estado

Foto Ed. Portugal.

Na Casa da Fundição da Artilharia foi fundida em 15 de Outubro de 1774 a Estátua equestre do Rei D. José I.

Actualmente a região superior destes terrenos está ocupada com os edificios das Oficinas de Calçado do Exército; e a região inferior com vários edificios onde funciona a Direcção da Arma de Artilharia.

Ruína do Muro da Fundição de Cima. — Este troço do muro estava tão arruinado em 1660, ameaçando mesmo perigo para as instalações da *Casa da Fundição da Artilharia*, que o Rei D. Afonso VI mandou ao Senado da Câmara que o reparasse, por ser *de obrigação da cidade* ⁽⁵⁶⁾.

Torre Pegada ao Muro da Fundição de Cima e Acesso ao seu Eirado. — A meio do troço formava a muralha um pequeníssimo redente, ao qual ainda se conserva encostado num cubelo visitável.

Está representado na Planta de Tinoco (1650) e na da Cidade de Lisboa de 1856.

A sua secção é um quadrilátero irregular, com os lados iguais a 6^m,7 (poente), 6^m,1 (norte), 6^m,2 (nascente) e 4^m,2 (sul), e actualmente a sua altura regula por 10^m.

O acesso ao eirado da torre parece que se fazia, se bem interpretamos a Planta de Lisboa de 1856, e o que ainda vimos no local, por uma escada em dois lanços, sendo um pegado ao muro, e o outro já dentro do maciço da torre, virado para o norte e abrindo no terraço.

O primeiro lanço da escada desapareceu; o segundo ainda existe, mas o caminho para o eirado faz-se hoje pelo interior do prédio do Estado, dependência das instalações dos serviços da Arma de Artilharia, sito no fim da mencionada ramificação do Campo de S.^{ta} Clara, prédio que tem neste Campo o n.º 63 de polícia.

Torre e Poterna da Cerca Fernandina na Entrada da Fundição de Cima. — No extremo oriental da quadrela que nasce

(56) *Elementos*, etc., tomo VI, pág. 215.

da torre que acaba de descrever-se formava a cerca um grande redente, e o traçado mostra com verosimilhança que devia ter existido aí uma torre ou uma porta fortificada, de que são restos os espessos muros e o corredor ou poterna abobadada que atravessava a torre.

Tem esta poterna actualmente $17^m,5 \times 4^m,2$ em planta, e entre $3^m,3$ e $4^m,2$ de altura, mas conhece-se que o seu primitivo comprimento era menor.

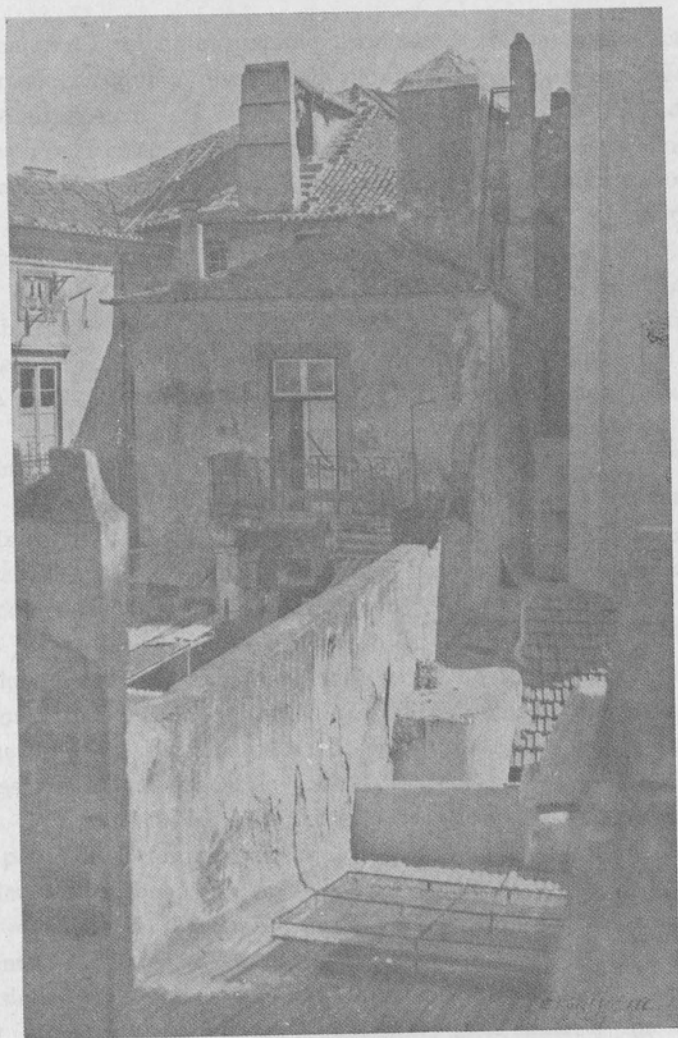
Conjecturamos que a poterna devia ter sido uma porta primitiva da cerca, sem nome conhecido, mas que, por não constar da vista *Olissippo* do album de Jorge Bráunio, não foi citada por Frei Apolinário da Conceição, nem pelos autores que o copiaram.

Portal da Direcção da Arma de Artilharia. — A abertura exterior da poterna constitui a entrada principal do estabelecimento militar, e está ornamentada com um portal de cantaria, sobrepujado pelas armas reais da época do Rei D. José, tendo no tímpano a data 1762.

A muralha da cerca foi neste sítio revestida à sua frente com um muro com $1^m,5$ de espessura, no qual está adaptado o portal, ocupando a frontaria em que este se acha todo o topo da via pública que é a ramificação do Campo de S.^{ta} Clara fronteira às Obras de S.^{ta} Engrácia.

Edifício por cima da Poterna. — Por cima da poterna está construída uma casa com compartimentos habitáveis, com dois andares, o primeiro dos quais tem um terraço voltado ao sul, com $6^m,2 \times 2^m,2$, e o 2.^o andar um terraço orientado para o poente, sobre o muro da cerca, e uma varanda virada para o norte, que assenta sobre a muralha de reforço do portal, formando como que um caminho de ronda; tem este seguimento pelo interior do 3.^o andar do prédio n.^o 63 do Campo de S.^{ta} Clara, pelo qual se faz também o acesso à varanda.

Do Portal da Direcção da Arma de Artilharia às Portas da Cruz. — Do redente que a cerca forma junto ao portão das instalações da Artilharia desce a muralha em direcção ao



RESTOS DOS MUROS DA CERCA
ENTRE OS PRÉDIOS DA CALÇADA DO CASÇÃO
E A TRAVESSA DOS REMÉDIOS

O murete caído do primeiro plano assenta sobre a muralha da cerca,
que se vê penetrando através do prédio n.ºs 191 a 203
da Rua dos Remédios

Foto Ed. Portugal.

poente, e conquanto bastante arruinada e desgrossada em partes, constitui a divisória dos quintais, pátios e barracões que ali existem, até às trazeiras do prédio n.ºs 191 a 203 da Rua dos Remédios, e do n.º 6 da Travessa dos Remédios, penetrando por um saguão situado entre os dois últimos prédios.

Nesta travessa o n.º 10 é o de um barracão, oficina de serralharia, que pelo fundo entesta na muralha da cerca.

Casas e Chãos Extramuros, ao Norte das Portas da Cruz. Fábrica de Botões. — Entre o ramal do Campo de S.^{ta} Clara que topeja no portão da Direcção da Arma de Artilharia, e a via pública chamada Calçada do Cascão, existem, da banda de fora da cerca, várias casas e pátios confinantes com a muralha.

As situadas na região mais ao norte são actualmente uma fábrica de botões e outros objectos metálicos, da Companhia Previdente. Está a fábrica construída nuns chãos adquiridos ou aforados à Câmara em 1521 por um Álvaro de Avelar, *acima da porta da cruz contra o postiguo de sam v^{to}* (Vicente), que neles fez umas casas nobres, onde, cerca de 1625, morava um comerciante João de Cascão, que deu o nome à via pública que primeiro se chamou Rua de João de Cascão, depois Travessa, e hoje Calçada do Cascão.

Por transmissões hereditárias e vendas vieram estas casas à posse de Henrique Schalck, que cerca do ano 1854 aí instalou a mencionada Fábrica de Botões ⁽⁵⁷⁾.

Palácio do Secretário da Guerra. — Ao sul das antecedentes, ao longo do lado ocidental da Calçada, havia umas casinhas em terrenos aforados à Câmara em 1505, as quais, ou algumas delas, foram substituídas pelo palácio que lá vemos, com uma entrada principal pelo n.º 5 da Calçada do Cascão, e com outra pelo n.º 201 da Rua dos Remédios.

⁽⁵⁷⁾ Notícias extraídas de *Lisboa de Lés-a-lés*, por Pastor de Macedo, vol. III, págs. 7 e segs.

Este palácio foi construído por Luís Correia da Paz nos princípios do século XVIII, e passou por herança para Pedro de Melo de Ataíde, Secretário da Guerra, e dele para seus sucessivos herdeiros, Secretários Teles de Melo, que acabaram por aliená-lo ⁽⁵⁸⁾.

O palácio ficava encavalgado no muro da cerca, parte no interior e parte no exterior, aproveitando também, segundo parece, o muro lateral das Portas da Cruz. Por cima do vão destas portas possuía o palácio alguns compartimentos ⁽⁵⁹⁾, disposição idêntica à que apresentavam outras portas da cidade, tanto da cerca moura (Porta do Ferro, de Alfama, etc.), como da de D. Fernando (Portas da Mouraria), além de algumas do Terreiro do Paço e ao longo da Ribeira.

Casas e Chãos Intramuros. — Do lado interior da cerca, as casas, pátios e barracões a ela contíguos têm o acesso pela angulosa Travessa dos Remédios (antigamente Beco).

Sítio de A Cruz. — Este sítio da cidade, tanto intra como extramuros, chamava-se A Cruz no século XIII; havia aí uma porta e uma certa extensão de muralha: *casas inter Muros de porta illius loci qui vocatur crux, scilicet super ipsis muris* (1269) ⁽⁶⁰⁾.

Ficava situado ao sul dos Covais de El-Rei, isto é, ao sul dos edifícios que constituem a chamada Fundação de Cima, como o dá a entender uma citação acima transcrita ⁽⁶¹⁾. Legou o nome à Rua (Rua da Cruz) ⁽⁶²⁾ que vai da Fonte ou Chariz dos Cavalos para a Porta da Cruz ou para a Moeda Velha ⁽⁶³⁾. (Actual Rua dos Remédios).

⁽⁵⁸⁾ *Lisboa de Lés-a-lés*, por L. Pastor de Macedo, vol. III, págs. 10 e segs.

⁽⁵⁹⁾ *Lisboa de Lés-a-lés*, vol. III, pág. 15.

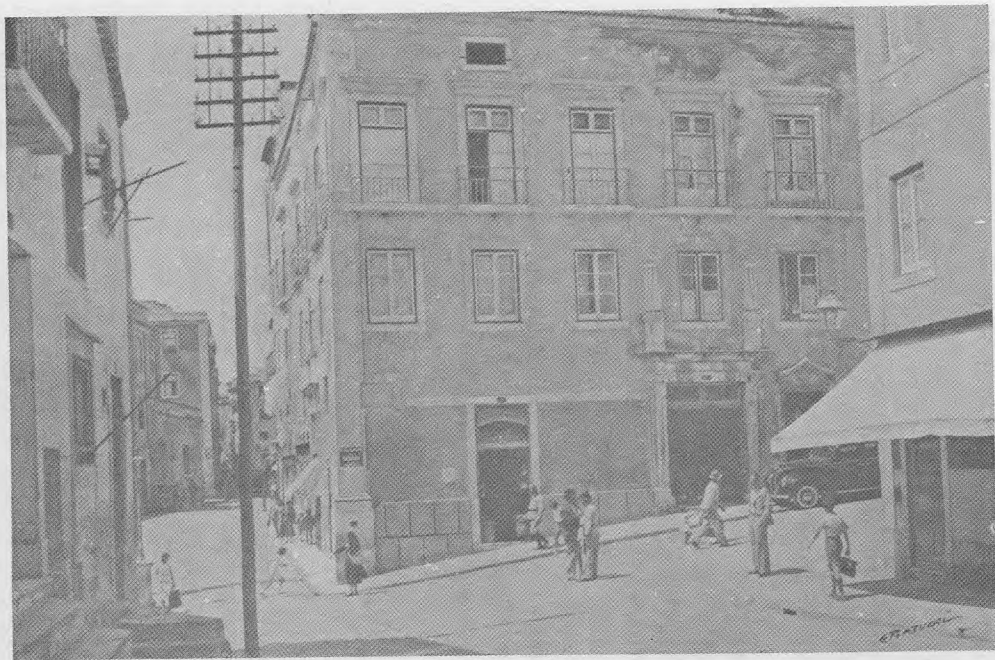
⁽⁶⁰⁾ *Chancellaria de D. Afonso III*, livro I, fl. 94, era 1307.

⁽⁶¹⁾ *Chancellaria de D. Dinis*, livro I, fl. 171 v., era 1324, ano 1286.

⁽⁶²⁾ *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.ºs 139 e 141, ano 1442.

⁽⁶³⁾ *Chancellaria de D. João I*, livro I, fl. 19, era 1422 (ano 1384).

72 — *Chancellaria de D. João III*, livro LX, fl. 79, ano 1548.



PALÁCIO DOS TELES DE MELO SECRETÁRIOS DA GUERRA
esquinando da Rua dos Remédios para a Calçada do Gascão

Junto à pilastra do cunhal vê-se na parede a lápide com a inscrição comemorativa
da consagração do Reino à Virgem

Foto Ed. Portugal.

O nome de Cruz ficou pegado ao local pelos tempos adiante, e ainda no princípio do século XIX se chamava Rua Direita das Portas da Cruz a metade oriental desta rua, tendo-se dado à ocidental o nome de Rua dos Remédios ⁽⁶⁴⁾, que depois se estendeu a toda a rua ⁽⁶⁵⁾.

Obra Avançada no Sítio da Cruz, Anterior à Cerca Fernandina (?). — Antes da construção da cerca de D. Fernando parece que neste sítio havia uma obra avançada da linha de defesa mourisca da cidade, em cujos muros se abria uma Porta da Cruz, como citámos acima.

Um outro documento 62 anos posterior à conclusão da cerca fernandina (1375) faz referência à *porta do muro velho*, junto do *caminho* (será a actual Rua da Verónica?) *que vai para Santo Agostinho* ⁽⁶⁶⁾ (Convento da Graça), na Freguesia de S. Vicente, muro que é provável que fosse o do sítio da Cruz, pois que a cerca velha ou moura ficava bastante afastada da mencionada freguesia onde o muro estava situado.

É possível que esta antiga Porta da Cruz tivesse sido escolhida para ponto obrigatório do traçado da cerca fernandina, e nesta incorporada depois, na sua construção.

A planta de Tinoco mostra uns muros neste sítio, no local onde depois se levantou a fachada do palácio do Secretário da Guerra, ao longo da Calçada do Cascão. Teriam eles alguma relação com os tais muros antigos da Porta da Cruz?

Porta ou Portas da Cruz. — Ao chegar à fachada meridional do prédio n.ºs 191 a 203 da Rua dos Remédios a muralha interrompe-se abruptamente entre as portas n.ºs 199 e 203; desse sítio para baixo, até ao Largo do Museu de Artilharia, não restam dela vestígios alguns.

⁽⁶⁴⁾ *Regulamento para o Estabelecimento da Pequena Posta*, 1801, pág. 96.

⁽⁶⁵⁾ Alvará do Governo Civil de Lisboa, de 1 de Setembro de 1859.

⁽⁶⁶⁾ *Colecção Especial*, caixa 116, documento de 2 de Julho de 1451 (A. D. 1413).

No extremo oriental da actual Rua dos Remédios existia na cerca uma porta primitiva da cidade, que teve o nome de Porta ou Portas da Cruz, a qual constituia a principal saída do lado oriental para os campos dos arredores, e fazia-lhe seguimento a via pública que se chama Rua do Paraíso ⁽⁶⁷⁾.

Era considerada uma das mais importantes da cerca nova na 2.^a metade do século XVI ⁽⁶⁸⁾, e uma *das mais perfeitas portas das que existiam na cerca*, antes do terremoto de 1755; era mui semelhante à de S.^{ta} Catarina ⁽⁶⁹⁾, mas não tão forte como ela.

Não se conhece a sua situação topográfica exacta, nem a sua estrutura. Na Planta de Tinoco (1650) não está desenhada, conquanto ainda existisse no tempo deste architecto.

É provável que tivesse uma estrutura idêntica à das outras portas fortificadas da cerca fernandina: da Mouraria, de S.^{to} Antão, e de S.^{ta} Catarina, isto é, que consistisse num recinto rectangular, em cujos muros dos topos se abrisse um vão de porta, ladeado o da frente por duas torres.

Diz Vilhena Barbosa que a Porta da Cruz foi reconstruída no tempo do rei D. João V, e que em 1865 ainda *restava a metade do lado norte, em que se vê uma columna de ordem dorica e parte do frontão, encostados ao cunhal do palacio denominado do Secretario de Guerra* ⁽⁷⁰⁾. Já nada disto existe.

Foi a porta, com o tramo da muralha contígua ao seu lado sul, demolida em 1775 para o rasgamento da Rua Nova, que hoje se chama Rua do Museu de Artilharia.

⁽⁶⁷⁾ A Ermida de N. S.^a do Paraíso, então paroquial de S.^{ta} Engrácia, era situada na Rua do Paraíso, n.º 9, onde está actualmente uma estância e serração de madeiras.

⁽⁶⁸⁾ *Carta dos Governadores de Lisboa para elRei* (D. João III ou D. Sebastião), sem data. — *Cartas missivas*, maço 3, n.º 41.

⁽⁶⁹⁾ *Demonstração Histórica*, etc., por Fr. Apollinario da Conceição, 1750, págs. 207 e 197.

⁽⁷⁰⁾ *Archivo Pittoresco*, vol. VIII, 1865, pag. 172.



RUA DOS REMÉDIOS — COMEÇO OCIDENTAL

O prédio que está do lado direito, n.º 201 (portão grande),
é o Palácio dos Teles de Melo, Secretários da Guerra;
e onde se vê o homem isolado ficavam situadas
as Portas da Cruz

Foto Ed. Portugal.

Porta Velha e Porta Nova da Cruz. Que Significariam tais Qualificativos? — Um documento do ano 1506 faz referência à *porta velha da cidade que se chama a porta da cruz... antes que fosse f.^{ta} a porta grande que se hora fêz* ⁽⁷¹⁾.

Um outro documento, 6 anos posterior, refere-se à *porta da cruz nova que se abriu defronte de N. S.^a do Paraíso, perto de um cubello que se agora novamente faz...* ⁽⁷²⁾.

Estas referências a duas portas não nos fornecem, porém, noção alguma sobre a sua disposição. Talvez que a porta nova fosse apenas uma reconstrução, no reinado de D. Manuel, da porta dianteira do recinto da Porta da Cruz; apenas indicam que houve grandes obras no sítio da Porta da Cruz nos princípios do século XVI, e que se construiu ou reparou uma nova porta e uma nova torre defensiva nesta entrada da cidade.

Existe um documento, infelizmente sem data, de que consta que somou 31.025 reais o que se gastou *em cumprimento do pago do muro da porta da cruz da carã da baroca* (em frente da barroca da Rua do Paraíso) ⁽⁷³⁾. Talvez se refira às obras precedentes.

Em 1625, quando se passou a vistoria aos muros e portas da cidade, propôs-se muni-la com batentes de madeira, e fazer-se um revelim defronte dela, pela parte de fora; em 1650 já tinha portas de madeira com seu ferrolho e fechadura ⁽⁷⁴⁾.

Descrição das Portas da Cruz em 1750. — Frei Apolinário da Conceição deixou-nos algumas informações sobre a decoração da porta no seu tempo: *Tem por cima, para o centro da Cidade huma Imagem de Christo Crucificado em bom nicho com suas vidraças; da parte de fora (da cerca) a ornão duas*

⁽⁷¹⁾ Citação em *Lisboa de Lés-a-lés*, por L. Pastor de Macedo, vol. III, pág. 15, nota.

⁽⁷²⁾ *Extremadura*, livro XII, fl. 64 v., ano 1512.

⁽⁷³⁾ *Cartas missivas*, maço 2, n.º 67, documento de 8 de Novembro de ?

⁽⁷⁴⁾ *Elementos*, etc., tomo III, pág. 171. — *Idem*, tomo V, pág. 201.

colunas com seu capitel, em que se acha gravado o Elogio da Conceição de N. Senhora. Por cima do capitel, em nicho correspondente ao da outra parte, huma perfeita Imagem da Mãe de Deos, defendida de vidros cristalinos, e em ambos lampioens, que de noite lhes ascendem os devotos. Ao lado esquerdo da porta, a que fica fronteira a da Igreja do Paraizo, está metida na parede huma Lamina de pedra branca com guarniçoens de outras vermelhas, em que se lê a inscripção que descrevi no n. 245 (75).

É a inscripção que se achava afixada no muro da porta de S.^{to} Antão, igual à que estava também nas Portas de S.^{ta} Catarina, e de que nos reservámos tratar nesta altura.

Inscrição da Consagração do Reino à Virgem, nas Portas da Cruz. — As inscripções que o Rei D. João IV mandou esculpir em pedra, pelo decreto de 2 de Junho de 1654 (76), consagrando o reino à Virgem Maria, e impondo-se a si e ao reino tributários de um censo anual à Santa Casa da Conceição em Vila Viçosa, parece que só foram afixadas no ano 1656 nos lugares para que se destinavam.

A inscripção, de autoria de António de Sousa de Macedo, é do teor seguinte (77):

(75) *Demonstração Historica*, 1750, pág. 208.

(76) *Elementos*, etc., tomo V, pág. 475.

(77) *Eva, e Ave, ou Maria Triumphante*, por António de Sousa de Macedo, ed. de 1700, pág. 300. — *Demonstração Historica*, etc., por Fr. Apollinario da Conceição, 1650, pág. 195.

A tradução da inscripção é a seguinte:

Memoria consagrada à Eternidade. A Imaculadissima Conceição de Maria, João IV Rei de Portugal, de acordo com as cortes gerais, publicamente devotou a sua pessoa e os seus reinos por tributarios de um censo anual : e com juramento se confirmou a si proprio para todo sempre como defensor da Mãe de Deus, eleita Padroeira do Reino, e imune do peccado original. Para que tão piedoso sentimento português se perpetuasse, mandou exarar esta memoria perene em viva pedra,

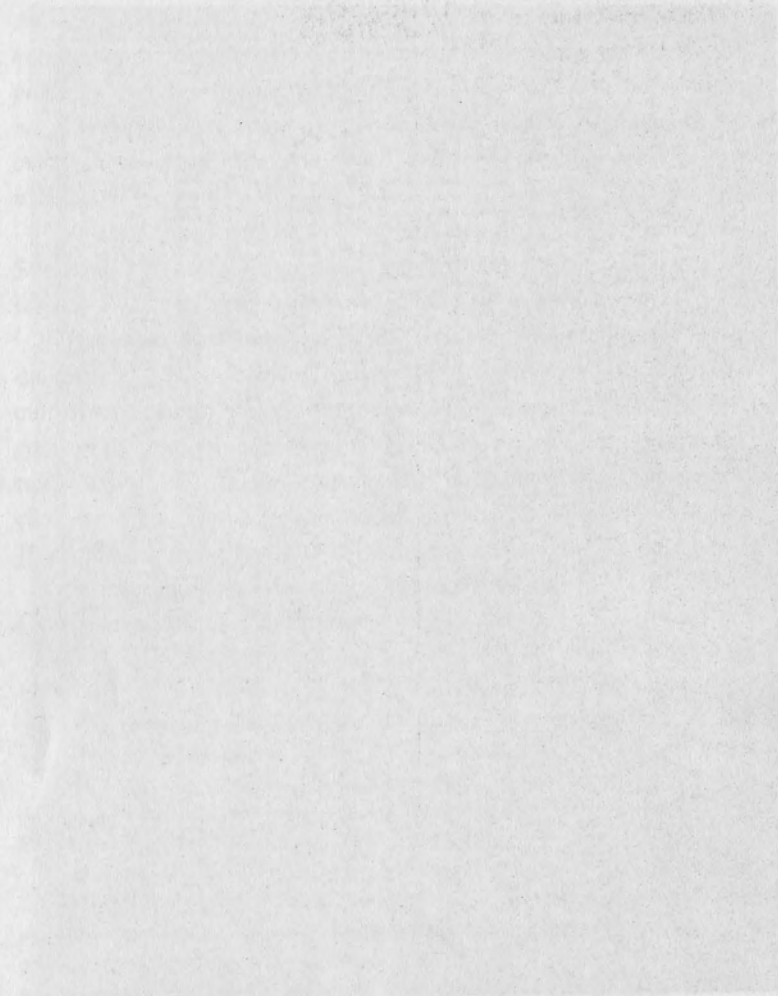


INSCRIÇÃO COMEMORATIVA DA ELEIÇÃO DA VIRGEM MARIA PADROEIRA DO REINO
constituindo este e a família real tributários à Igreja de N. S.^a da Conceição
sita na Casa Ducal de Vila Viçosa

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS

500 N. 5TH ST. NEW YORK, N. Y. 10017



ÆTERNIT. SACR.
IMMACULATISSIMÆ
CONCEPTIONI MARLÆ
JOANNES IV. PORTUGALLÆ REX.
UNA CUM GENERAL . COMITIJS,
SE, & REGNA SUA
SUB ANNUO CENSU TRIBUTARIA
PUBLICE VOVIT
ATQUE DEIPARAM IN IMPERIJ TUTELAREM ELECTAM,
A LABE ORIGINALI PRÆSERVATAM PERPETUO DEFENSURUM
IURAMENTO FIRMAVIT.
VIVERET UT PIETAS LUSITAN.
HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE PERENNE
EXARARI JUSSIT
ANNO CHRISTI M.DC.LVI.
IMPERII SUI XVI

Rua do Paraíso. — As Portas da Cruz davam saída da cidade para os arrabaldes orientais por uma artéria que se chamava Caminho da Porta da Cruz para N. S.^a do Paraíso, ou Rua Direitã de N. S.^a do Paraíso (1554) ⁽⁷⁸⁾, e que é a actual Rua do Paraíso. Esta rua corria à beira duma barroca ou despenhadeiro que caía sobre a Praia da Ribeira ⁽⁷⁹⁾, no sítio onde é hoje o Largo dos Caminhos de Ferro e o Pátio do edificio do Museu Militar.

Caminho para a Praia. — Das mesmas portas descia, pela banda de fora da cerca, um caminho ou vereda para a praia,

no ano de Cristo de 1646, sexto do reinado do mesmo senhor. — A Ribeira de Lisboa, por J. de Castilho, 2.^a ed., vol. I, pág. 160.

A fotografia mostra como foi passado à pedra, nas Portas da Cruz, o texto composto por António de Sousa de Macedo. É possível que as outras duas inscrições, das Portas de S.^{to} Antão e de S.^{ta} Catarina, tivessem uma composição diferente; tais inscrições, porém, já não existem.

⁽⁷⁸⁾ *Summario*, etc., ed. de 1755, pág. 27.

⁽⁷⁹⁾ *Extremadura*, livro IX, fl. 246, ano 1508. — *Idem*, livro XII, fl. 64 v., ano 1512.

talvez o antecessor da nossa Calçada do Forte ⁽⁸⁰⁾, ou, pelo menos, do seu troço superior.

Troço da Cerca desde as Portas da Cruz até ao Postigo da Lapa. — Das Portas da Cruz saía um troço de muralha em direcção à margem do Tejo. Dele não restam vestígios, nem Tinoco o desenhou na sua Planta de Lisboa, de 1650, talvez porque já então não existisse, demolido quando D. Manuel mandou construir as Tercenas da Porta da Cruz, de que em breve trataremos.

Os documentos fornecem-nos umas indicações mui obscuras e dispersas que não nos permitem fazer com exactidão a reconstituição do traçado.

Marcámo-lo por isso conjecturalmente no nosso Mapa XVIII, segundo um alinhamento rectilíneo até um ponto arbitrário da fachada ocidental do Museu de Artilharia.

Seguindo a muralha para o sul, e voltando em seguida para o poente ao longo do rio, era indispensável para a defesa que no vértice do ângulo formado pelos tramos convergentes da muralha houvesse uma torre. Essa torre existiu, e ao lado dela abria-se uma porta da cidade chamada Postigo da Lapa, como veremos adiante.

Este troço da muralha foi demolido em 1775 para a abertura da rua entre as Portas da Cruz e o Largo do Museu de Artilharia, a fim de dar passagem à estátua do Rei D. José fundida na Fundição de Cima, no seu trajecto para o Terreiro do Paço.

Esta rua não teve, durante mais de um século, denominação especial; chamavam-lhe simplesmente Rua Nova ⁽⁸¹⁾, até que em 1880 recebeu o nome de Rua do Museu de Artilharia ⁽⁸²⁾.

⁽⁸⁰⁾ *Extremadura*, livro VII, fl. 231 v., ano 1643. — *Idem*, livro XII, fl. 64 v., ano 1512. — *Idem*, livro XIII, fl. 79 v., ano 1513.

⁽⁸¹⁾ *Regulação para o Estabelecimento da Pequena Posta*, 1801, pág. 96.

⁽⁸²⁾ Deliberação camarária de 22 de Novembro de 1880.

Casa da Moeda Velha. — Da banda de dentro da cidade, ao sul da Rua dos Remédios; onde hoje se acham várias instalações dependentes do Estado Maior do Exército, existiu a primitiva Casa da Moeda, ou Moeda Velha, conforme se depreende dum documento do ano 1393: *casas que chamam moeda velha, junto com a porta da cruz em que soem de estar as escolas, assi como partem* (essas casas) *com rua publica* (Rua dos Remédios), *e com a porta da cruz, e com o muro* (da cerca) *ataa o mar, e com casas do mosteiro de chellas, e com casas de ...* ⁽⁸³⁾.

Nestas casas havia funcionado a Moeda anteriormente ao reinado de D. Dinis; depois, ou já no seu tempo, eram propriedade da confraria dos clérigos de Lisboa, e em 1287 foram adquiridas por aquele rei, em troca de outras que ele possuía perto da Torre da Escrevaninha ⁽⁸⁴⁾. Nelas instalou ou estavam funcionando as *scole de grammatica* em 1299 ⁽⁸⁵⁾.

Em 1308 foi a Universidade transferida para Coimbra, mas parece que as casas dos Estudos continuaram sendo propriedade régia, pois que foram doadas no ano 1393, pelo Rei D. João I à Ordem de Santiago, *para elle, mestre da ordem, fazer uns paços* ⁽⁸⁶⁾.

⁽⁸³⁾ *Chancellaria de D. João I*, livro II, fl. 71 v., era 1431. Doação das casas à Ordem de Santiago.

⁽⁸⁴⁾ *Chancellaria de D. Dinis*, livro I, fl. 195 v., era 1325.

⁽⁸⁵⁾ *Repertorio dos bens de D. Diniz em Lisboa feito na era de 1337, e copiado por Fernão Lopes na era de 1459. Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 3. — Diz o documento: *ad cruce[m], domos de moneta, ubi fuerunt scole de grammatica*. É possível que este termo *fuerunt* se refira à época em que Fernão Lopes fez a cópia (1421), rectificando a palavra *sunt*, que devia estar no original, referente ao ano 1299. Compare-se com o que se acha na fl. 16 do mesmo códice, a respeito do *studium scholarium*.

⁽⁸⁶⁾ *Chancellaria de D. João I*, livro II, fl. 71 v., era 1431.

No seu lugar está hoje um edifício militar, dependência do Estado Maior do Exército, como dissemos ⁽⁸⁷⁾.

Beco do Surra ⁽⁸⁸⁾. — Ao poente do edifício das Escolas havia uma via pública chamada Beco do Surra. Desconhecemos quem foi o personagem cuja pitoresca alcunha deu o nome ao beco.

Este começa inferiormente na Rua do Museu de Artilharia, perto da Ermida do Senhor Jesus da Boa Nova, (Mapa XIX), e termina na Rua dos Remédios, em frente da travessa do mesmo nome, formando dois cotovelos, cada um deles quase em ângulo recto.

Sítio da Lapa às Portas da Cruz. — Para baixo do sítio das Portas da Cruz, entre a actual Rua dos Remédios e o rio Tejo, havia um local que chamavam A Lapa ⁽⁸⁹⁾.

Possuía o Rei D. Dinis *ad lapam X domos, sub moneta* ⁽⁹⁰⁾, isto é, abaixo do local onde havia sido a Moeda; tinha também *unum resium ad lapam super domos arredor, contra mone-tam* ⁽⁹¹⁾.

Documentos do tempo do Rei D. Manuel dizem-nos, nas confrontações de uns chãos situados entre a Rua do Paraíso e a Calçada do Forte, que num deles havia uma lapa ⁽⁹²⁾. Ainda um outro documento, um pouco posterior, faz referência

⁽⁸⁷⁾ O estudo dos locais das Escolas foi magistral e exaustivamente tratado pelo ilustre olisipógrafo G. de Matos Sequeira, no seu valioso trabalho *O Carmo e a Trindade*, vol. I, capítulos II e III.

⁽⁸⁸⁾ *Corografia Portuguesa*, pelo P.^o A. Carvalho da Costa, tomo III, 1712, pág. 384.

⁽⁸⁹⁾ *In collatione sancti stephani ubi vocant lappa*. (*Direitos reais*, livro II, fl. 128, era 1314. A.D. 1264).

⁽⁹⁰⁾ *Repertorio dos bens de D. Diniz em Lisboa, feito na era de 1337, e copiado por Fernão Lopes na era de 1459*, fl. 3.

⁽⁹¹⁾ *Idem*, fl. 19 v.

⁽⁹²⁾ *Extremadura*, livro IX, fl. 6, ano 1503. — *Idem*, livro XII, fl. 64 v., ano 1512.

à *lapa ao caes do carvão da cidade de Lisboa*, onde havia uns chãos que partiam do poente *com o cais que vai da lapa para as tercenas* ⁽⁹³⁾.

Pelos documentos citados infere-se que chamavam Lapa ao sítio onde está hoje o edificio do Estado Maior do Exército, na Rua do Museu de Artilharia até ao Tejo.

Adiante voltaremos a tratar este assunto da Lapa.

Fornos de Biscoito e Estaleiros Navais da Porta da Cruz.

— Na base da ribanceira ao longo da qual corria em cima a actual Rua do Paraíso, houve uns antigos fornos de biscoito, que em 1463 estavam transformados em estaleiros de construções navais, *em que agora fazem barcas* ⁽⁹⁴⁾; eram talvez no sítio do grande pátio do edificio conhecido por Fundição de Baixo ou Arsenal do Exército.

Tercenas da Porta da Cruz. — No mesmo, ou junto do mesmo local, foram mandadas construir nos princípios do século XVI, pelo Rei D. Manuel, umas tercenas a que chamavam da Porta da Cruz, *pera se nellas guardar, & fundir artelheria* ⁽⁹⁵⁾.

Também nessas tercenas continuaram a existir ou se construíram de novo uns *fornos delrei onde se fazem os biscoitos* ⁽⁹⁶⁾.

Cais do Carvão. — Ainda umas tercenas, no mesmo sítio, eram destinadas à armazenagem e mercado do carvão ⁽⁹⁷⁾ para o abastecimento da população, e para o seu serviço havia aí um cais chamado Cais do Carvão ⁽⁹⁸⁾.

⁽⁹³⁾ *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, livro XXII, fl. 93, ano 1563.

⁽⁹⁴⁾ *Extremadura*, livro VII, fl. 231 v., ano 1463.

⁽⁹⁵⁾ *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, por Damião de Goes, parte 4.^a, ed. de 1749, pág. 600. — *Chancellaria de D. Manuel*, livro XXI, fl. 1, ano 1502.

⁽⁹⁶⁾ *Extremadura*, livro XIII, fl. 79 v., ano 1513.

⁽⁹⁷⁾ *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, livro XII, fl. 253 v., ano 1563.

⁽⁹⁸⁾ *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, livro XXII, fl. 93, ano 1563.

A vista *Olissippo* do album de Jorge Bráunio (1596) mostra, junto duns fornos de cal à beira-rio, o cais com a rubrica: *moles carbões vulgò Cais do carvão*, no sítio onde se acha o edificio do Museu Militar.

Arsenal do Exército. — Desconhece-se a extensão que abrangiam primitivamente as instalações fabris da Porta da Cruz, que mais tarde foram a Fundação de Baixo, mas parece que, englobando os antigos fornos de biscoito ⁽⁹⁹⁾, deviam ocupar sensivelmente a área que hoje tem o estabelecimento do Estado onde se acham o Museu Militar e os serviços do Estado Maior do Exército.

Durante o domínio filipino eram conhecidas por Fundação dos Castelhanos ⁽¹⁰⁰⁾.

Estas instalações, também designadas por Arsenal do Exército, arderam em 11 de Julho de 1726, e começavam a ser reconstruídas segundo um plano mais vasto e mais belo quando sobreveio o terremoto de 1755, que bastante as arruinou, começando-se em 1760 a sua nova reconstrução ⁽¹⁰¹⁾.

Os edificios têm as frentes principais para oeste para o Largo do Museu de Artilharia, e para leste para o Largo dos Caminhos de Ferro. Outra frente, com colonatas, está voltada ao Tejo ⁽¹⁰²⁾

⁽⁹⁹⁾ *Chãos que estão abaixo da porta da cruz que soiam de ser fornos de biscoito em outro tempo, e agora são occupados com casas delrei. (Livro dos Proprios das Casas e Heranças delRei nosso Senhor, n.º 93 de ordem, fl. 39, ano 1506).*

⁽¹⁰⁰⁾ *Elementos, etc.*, tomo III, págs. 170 e 171, documento do ano 1625.

⁽¹⁰¹⁾ *Archivo Pittoresco*, tomo VIII, 1865, pág. 145.

⁽¹⁰²⁾ As colunas e pilares eram da capela do Palácio Foz, que tinha a invocação de N. S.^a da Pureza, sita na Praça dos Restauradores, donde foram levadas quando, por 1907 (?), se transformou a capela em casa de espectáculos públicos, Salão Central.



EDIFÍCIO DO ARSENAL DO EXÉRCITO ONDE ESTÁ INSTALADO O MUSEU MILITAR

Ocupa o lugar das antigas tercenas da Porta da Cruz

Foto Ed. Portugal.

Postigo da Lapa. — Dissemos que no saliente sueste da cerca houve uma porta da cidade que tinha o nome de Postigo da Lapa ⁽¹⁰³⁾.

Ignora-se a sua situação exacta, mas um documento do ano 1501 dá-nos indicações, bem que confusas, sobre a disposição e arranjo dos elementos da cerca no seu saliente sul-oriental.

O extracto desse documento diz o seguinte: *junto com o postiguo da laça da parte de cima daallem de hũa torre pequena esta huũ chaão dentro da barbacãa, o qual emtesta na coiraça velha, o qual chaão e coiraça com hũu postiguo que nella está e com o muro que emtesta na dita torre elle dito almoxarife mandara meter em pregã ... ho qual chaão e muro e barbacãa e coiraça e postiguo parte per estas comfrentações seguyintes de hũa parte com a dita torre e da outra com a praya e da outra com hũu chaão dos fornos de bizcoito do dito seõnor. E com ho cabo da dita coiraça. E por detraz com ho muro da dita çidade e com outras comfrentações* ⁽¹⁰⁴⁾.

Do documento infere-se que o chão ficava extramuros da cidade, contíguo à praia e aos fornos de biscoito delRei, isto é, no sítio do actual Arsenal do Exército.

O chão confrontava com o muro da cidade onde estava o Postigo da Lapa, com uma torre, e com a *coiraça velha*.

Ignoramos o que no documento se pretende designar por *coiraça*, como coisa diferente da muralha da cerca, mas aventamos a hipótese de ser ela um pequeno troço de muro que ligasse a *torre pequena*, que seria uma torre avançada, à muralha pròpriamente da cerca, com disposição idêntica às das

⁽¹⁰³⁾ *Extremadura*, livro VI, fl. 39 v., ano 1501. — *Livro dos Proprios e Heranças delRei Nosso Senhor*, n.º 93 de ordem, fl. 43, ano 1506.

⁽¹⁰⁴⁾ *Extremadura*, livro VI, fl. 39 v. Aforamento feito pelo Armazém do Reino a Affonso de Lixboa, em 16 de Novembro de 1501, para ele fazer umas casas.

Torres de Alfama e da Escrevaninha, da cerca velha. Ou estaria relacionada com os antigos muros da Porta da Cruz, anteriores à construção da cerca, e de que acima tratámos?

Na coiraça havia um postigo, que não devia ser o da Lapa, pois que este estava na cerca, e tudo isto foi mandado aforar, possivelmente por sobejar do projecto das tercenas que por ordem do Rei D. Manuel se estavam a construir no local.

O nome Postigo da Lapa desaparece por esta ocasião, e começa a aparecer o de Porta da Ribeira. Teria sido então tapado, ou seria o seu nome que foi mudado, pois que a Porta da Ribeira ainda existia por ocasião do terremoto de 1755?

Um documento do ano 1650 faz ainda referência ao Postigo da Lapa, dizendo que tinha portas com sua fechadura e ferrolhos ⁽¹⁰⁵⁾. É possível que se trate do Postigo da Ribeira, que, pela proximidade em que se achava do da Lapa, lhe applicassem também este nome.

Adiante voltaremos a tratar este assunto.

Na vista *Olissippo*, de Jorge Bráunio, não foi desenhado nem registado este postigo, e por isso nem Frei A. da Conceição, nem os que o seguiram, dão conta da sua existência, confundindo-o aquelle autor com o Postigo da Pólvora.

Nada mais consta a respeito desta porta da cidade.

Torre junto do Postigo da Lapa. — Ao lado ou perto do Postigo da Lapa, havia, como acabamos de ver, uma torre da fortificação, como o exigia o traçado da linha defensiva da cidade.

A torre não está desenhada no sítio próprio na Planta de Tinoco (1650), naturalmente incorrecção como outras que nesta planta se encontram, pois que se acha deslocada um pouco para poente, como em breve mostraremos.

Terminava nesta torre o lanço descendente oriental da cerca.